

*depois  
do sim*



TAYLOR JENKINS REID

*depois  
do sim*

Tradução

ALEXANDRE BOIDE

PA  
R  
I  
S

Copyright © 2014 by Taylor Jenkins Reid

Publicado mediante acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agência Literária, s.l.  
Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL After I Do

CAPA Ale Kalko

FOTO DE CAPA © Phaendin/ Dreamstime.com

PREPARAÇÃO Paula Carvalho

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Jasceline Honorato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Reid, Taylor Jenkins

Depois do sim / Taylor Jenkins Reid ; tradução Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2020.

Título original: After I Do.

ISBN 978-85-8439-159-2

1. Casamento — Ficção 2. Ficção norte-americana I. Título.

---

20-32477

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

**flagrante**, *adj.*

Bem na minha frente, você saía do banheiro sem pôr a tampa de volta no tubo de pasta de dente.

*The Lover's Dictionary*



**PARTE UM**  
**Para onde vão as coisas boas?**



Estamos no estacionamento do estádio dos Los Angeles Dodgers e, mais uma vez, Ryan esqueceu onde deixamos o carro. Repito várias vezes que está no setor C, mas ele não acredita.

“Não”, ele diz pela décima vez. “Eu me lembro claramente de ter virado à direita quando chegamos, não à esquerda.”

“Está lembrando errado”, respondo com um tom de voz seco e irritado. Já estamos aqui há tempo demais, e detesto o caos da saída do estádio. Pelo menos é uma noite quente de verão, mas são dez da noite, e o resto da torcida está saindo das arquibancadas em massa, enquanto brigamos em meio ao mar de camisas azuis e brancas. Esse impasse já dura mais de vinte minutos.

“Não estou lembrando errado”, ele rebate, andando na minha frente sem nem se dar ao trabalho de olhar para mim. “Quem tem memória ruim aqui é você.”

“Ah, sim”, retruco em tom de deboche. “Só porque perdi minhas chaves hoje de manhã, de repente virei uma idiota?”

Ele se vira para mim; aproveito para alcançá-lo. O estacionamento é uma subida inclinada. Eu ando devagar.

“Claro, Lauren, foi exatamente o que eu falei. Disse que você era uma idiota.”

“Na prática foi isso mesmo. Você disse que sabe o que está falando, como se eu não soubesse.”

“Me ajuda a encontrar logo essa droga de carro pra gente ir embora daqui.”

Eu não respondo. Simplesmente o sigo enquanto ele se afasta cada

vez mais do setor C. Por que ele quer ir para casa é um mistério para mim. Nossa situação não vai melhorar nem um pouco quando chegarmos lá. Faz meses que as coisas estão ruins.

Ele anda em círculos cada vez maiores, subindo e descendo as rampas do estacionamento do estádio. Eu o sigo de perto, esperando ao seu lado para atravessar nas faixas de pedestres, acompanhando seu ritmo. Nós nos mantemos em silêncio. Penso na vontade que sinto de gritar com ele. Penso que provavelmente vou sentir essa vontade de novo amanhã. Imagino que ele esteja pensando a mesma coisa. Ainda assim, o ar entre nós permanece imóvel, sem que nenhum dos nossos pensamentos se materialize. Ultimamente, nossas noites e fins de semana são com muita frequência repletos de tensão, uma sensação que só é aliviada na hora de dizer bom-dia ou boa-noite.

Depois da primeira leva de pessoas deixar o estacionamento, fica bem mais fácil ver onde estamos e onde paramos o carro.

“Olha lá”, Ryan diz, sem se preocupar em apontar o local certo. Viro a cabeça seguindo a direção de seu olhar. Lá está o nosso Honda compacto preto.

Bem no meio do setor C.

Eu sorrio para ele. Não é um sorriso agradável.

Ele retribui o gesto. E o seu sorriso também não é nada agradável.

## Onze anos e meio atrás

Eu estava no segundo ano da faculdade. Meu primeiro ano tinha sido bem solitário. A UCLA não era tão acolhedora quanto eu imaginava quando me matriculei. Foi difícil conhecer gente nova. Voltava para casa em vários fins de semana para visitar a família. Bom, na verdade, ia ver minha irmã mais nova, Rachel. Minha mãe e meu irmão caçula, Charlie, eram distrações secundárias. Rachel era a pessoa para quem eu contava tudo. Sentia falta dela quando comia sozinha no refeitório, e isso acontecia com mais frequência do que eu gostaria de admitir.

Aos dezenove anos, eu era bem mais tímida do que tinha sido aos dezessete, quando me formei no ensino médio como primeira da classe e fiquei com a mão dolorida de tanto assinar os anuários dos colegas de turma. Durante o primeiro ano de faculdade minha mãe me perguntou várias vezes se eu queria pedir transferência para outra universidade. Vivia me dizendo que não tinha problema se eu quisesse procurar outro lugar para estudar, mas não era isso que eu queria. Gostava das aulas. “É que ainda não me adaptei”, respondia todas as vezes. “Mas vou me adaptar. Vou me adaptar.”

Isso aconteceu quando comecei a trabalhar no setor encarregado de cuidar das correspondências da universidade. Na maioria das noites, só havia mais uma ou duas pessoas além de mim, e era o tipo de interação no qual eu conseguia me sair bem. Eu me sentia à vontade em grupos pequenos. Era capaz de brilhar quando não precisava lutar para ser ouvida. E, depois de alguns meses distribuindo correspondências, já tinha conhecido um monte de gente. E passei a gostar de verdade de algumas pessoas, que também passaram a gostar de mim. Quando fui para casa

no recesso das festas de fim de ano, estava ansiosa para voltar às aulas em janeiro. Sentia falta das minhas novas amigas.

Quando as aulas começaram, minha nova grade horária incluía atividades em prédios onde eu nunca havia pisado antes. Comecei a estudar psicologia por ser uma matéria que cobria vários requisitos do meu currículo básico. E, por causa da nova programação, passei a cruzar com um cara em todo lugar. Na academia de ginástica, na livraria, nos elevadores do Franz Hall.

Ele era alto, os ombros largos. Tinha braços fortes, com bíceps pronunciados que mal cabiam nas mangas da camisa. O cabelo era castanho claro, e o rosto geralmente estava com a barba por fazer. Estava sempre sorrindo, sempre conversando. Mesmo quando o via sozinho, ele demonstrava a confiança de alguém com uma missão a cumprir.

Quando enfim nos falamos, eu estava na fila para entrar no refeitório, com a mesma camiseta cinza do dia anterior. Fiquei pensando que ele poderia reparar nesse detalhe quando percebi que estava um pouco à minha frente na fila.

Depois de passar o cartão de estudante para entrar, ele ficou um pouco para trás em relação aos amigos e parou para falar com o cara que operava a máquina que lia os cartões. Quando chegou a minha vez de entrar, ele interrompeu a conversa e olhou para mim.

“Por acaso você está me seguindo?”, ele falou, olhando bem nos meus olhos e sorrindo.

Fiquei toda sem jeito, e acho que ele percebeu.

“Desculpa, foi uma brincadeira boba”, ele disse. “É que ultimamente estou vendo você em todos os lugares.” Peguei meu cartão de volta. “Posso acompanhar você?”

“Pode”, respondi. Eu ia encontrar o pessoal do setor de correspondências, mas ninguém tinha chegado ainda. E ele era gatinho. Foi isso que me convenceu: ele era gatinho.

“Aonde a gente está indo?”, ele questionou. “Qual fila?”

“A gente está indo para a fila da grelha”, respondi. “Quer dizer, se você quiser ficar na fila comigo.”

“Na verdade, é perfeito. Estou morrendo de vontade de comer um cheesebúguer.”

“Então, vamos para a fila da grelha.”

Entramos na fila em silêncio, mas ele se esforçou para continuar conversando comigo.

“Ryan Lawrence Cooper”, ele falou, estendendo a mão. Eu dei risada e o cumprimentei. Seu aperto de mão era bem firme. Fiquei com a sensação de que se ele não quisesse interrompê-lo, não havia nada que eu pudesse fazer. Sua mão era forte mesmo.

“Lauren Maureen Spencer”, falei. Ele soltou minha mão.

Eu o imaginava como alguém tranquilo e confiante, equilibrado e charmoso, e ele era assim até certo ponto. Enquanto conversávamos ele ficou meio sem graça, sem saber muito bem o que falar. O cara gato que parecia tão seguro de si, de um jeito que eu jamais conseguiria ser, se revelou... absolutamente humano. Era só alguém com uma aparência agradável, com uma personalidade divertida e que, talvez, se sentisse tão confortável consigo mesmo que fazia as coisas parecerem mais fáceis. Na verdade, não era nada disso. Ele era como eu. E, de repente, isso me fez gostar muito mais dele do que eu esperava. O que me deixou nervosa. Meu estômago começou a se revirar. Minhas mãos começaram a suar.

“Certo, tudo bem, pode admitir”, falei, tentando fazer uma gracinha. “É *você* que está me seguindo.”

“Tudo bem, eu admito”, ele falou, mas logo mudou de ideia. “Não! Claro que não. Mas você notou, né? De repente, você começou a aparecer em todo lugar.”

“Quem fez isso foi *você*”, respondi, acompanhando o movimento da fila. “Eu só vou aos lugares de sempre.”

“Aos *meus* lugares de sempre.”

“Vai ver nós temos uma ligação cósmica”, eu disse em tom de brincadeira. “Ou, então, temos horários de aula parecidos. A primeira vez que vi você foi no gramado central, acho. Eu estava matando o tempo entre uma aula de introdução à psicologia e outra de estatística. Você devia ter uma aula no campus sul nesse dia, certo?”

“Você sem querer me revelou duas coisas, Lauren”, Ryan falou sorrindo.

“Ah, é?”, falei.

“É.” Ele balançou a cabeça. “A menos importante é que agora eu sei

que você vai se formar em psicologia e que frequenta essas duas aulas. Se estivesse te perseguindo mesmo, seria um alvo fácil.”

“Certo”, concordei. “Mas, se você fosse minimamente bom nisso, já teria descoberto essas coisas há muito tempo.”

“Mesmo assim, melhor não arriscar. Ter um perseguidor não é brincadeira.”

Finalmente chegou a nossa vez na fila, só que Ryan parecia mais concentrado em mim do que em fazer o pedido. Desviei os olhos dele muito rápido para pedir: “Faz um queijo quente pra mim, por favor?”

“E você?”, o atendente perguntou para Ryan.

“Um cheesebúrguer com queijo extra”, Ryan respondeu, se inclinndo para a frente e roçando sem querer o braço na manga da minha blusa. Senti uma pequena descarga elétrica percorrer meu corpo.

“E a segunda coisa?”, questionei.

“Hã?”, Ryan perguntou, olhando de volta para mim, já perdido em seus pensamentos.

“Você disse que eu revelei duas coisas.”

“Ah!” Ryan sorriu e pôs sua bandeja perto da minha no balcão. “Você disse que me viu no gramado central.”

“Certo.”

“Mas eu não vi você lá.”

“Sei”, respondi, sem saber ao certo o que ele quis dizer com isso.

“Então, tecnicamente, você reparou em mim primeiro.”

Eu sorri para ele. “Ponto pra você”, falei. Peguei meu queijo quente. O atendente entregou o cheesebúrguer de Ryan. Pegamos nossas bandejas e fomos até a máquina de refrigerantes.

“Então”, Ryan falou, “como é você que está atrás de mim, acho que vou ser obrigado a esperar você me convidar para sair.”

“Como é?”, perguntei, meio chocada, meio envergonhada.

“Olha”, ele falou, “eu sou uma pessoa paciente. Sei que você precisa criar coragem e fazer um convite que pareça casual.”

“Aham”, respondi. Peguei um copo e enfiei debaixo da máquina de gelo, que, depois de soltar um barulho alto, produziu míseros três cubos. Ryan deu um tapa na lateral do aparelho. Um monte de gelo despencou no meu copo. Eu agradei.

“Sem problemas. Então que tal fazermos assim?”, Ryan sugeriu. “Eu vou esperar até amanhã, às seis da tarde. Encontro você no saguão do Hedrick Hall. A gente pode sair pra comer alguma coisa e tomar um sorvete. E conversar. Aí você pode me chamar pra sair.”

Eu sorri para ele.

“Acho que é justo”, ele falou. “Você reparou em mim primeiro.” Ele era bem charmoso. E sabia disso.

“Certo. Mas só uma perguntinha”, falei, apontando para o cara que operava a máquina que lia os cartões. “Sobre o que você estava falando com ele?” Resolvi perguntar porque tinha quase certeza de qual seria a resposta, e queria ouvir da boca dele.

“Com o cara dos cartões?”, Ryan questionou com um sorriso, ciente de que tinha sido desmascarado.

“É, fiquei curiosa para saber o que vocês estavam falando.”

Ryan me olhou bem nos olhos. “Eu disse: ‘Finge que a gente está conversando. Preciso enrolar um pouco aqui até chegar a vez daquela garota de camiseta cinza.’”

Fui arrebatada pela pequena descarga de eletricidade que havia sentido momentos antes. Era como se eu estivesse pegando fogo. Dava para sentir o calor se espalhar da ponta dos dedos das mãos até os dedos dos pés.

“No Hedrick Hall, amanhã às seis da tarde”, falei para confirmar que estaria lá. Mas, a essa altura, acho que nós dois sabíamos que eu estava ansiosa para esse encontro chegar logo. Queria que *amanhã* já fosse *agora*.

“Vê se não atrasa”, ele falou, sorrindo e se afastando.

Coloquei a bebida na bandeja e atravessei o refeitório como se nada tivesse acontecido. Resolvi sentar sozinha, sem me sentir pronta para encontrar os meus amigos. O sorriso no meu rosto estava largo demais, empolgado demais, reluzente demais.

Cheguei no saguão do Hedrik Hall às cinco para as seis.

Fiquei esperando por alguns minutos, tentando fingir que não estava aguardando ansiosamente a chegada de alguém.

Era um encontro. Um encontro de verdade. Não era um cara me convidando para ir com ele e os amigos a uma festa que ia acontecer na